

O sujeito indeterminado em livros didáticos: uma análise à luz dos estudos do Círculo de Bakhtin

The indeterminate subject in textbooks: an analysis based on the studies of The Bakhtin Circle

El sujeto indeterminado en libros didácticos: un análisis a la luz de los estudios del Círculo de Bakhtin

Patricia da Silva Valerio¹

 0000-0003-4664-9625

FrancismarFurlanetto²

 0000-0002-5130-7526

RESUMO: Este artigo busca investigar como o trabalho com a análise linguística é realizado em exercícios propostos no manual do professor de livros didáticos do PNLD destinados ao 7º ano do Ensino Fundamental, no período de implantação da BNCC nas escolas de educação básica. A partir de uma perspectiva de língua como produto da interação (BAKHTIN, 2019; VOLÓCHINOV, 2019), foram escolhidas duas obras que constavam dentre as opções a serem escolhidas pelas escolas no PNLD 2019. Partindo da hipótese de que a expressão ‘sujeito indeterminado’ não mais constaria como conteúdo explícito, já que nem a BNCC refere-se à tipologia dos sujeitos, procedeu-se à seleção de um exercício de cada obra, cujas questões abordassem, de forma explícita (na pergunta ou na resposta) a expressão ‘sujeito indeterminado’. Os resultados mostram que exercícios que restringem o olhar para aspectos formais e classificatórios, com foco na metalinguagem, ainda são uma realidade em livros didáticos do PNLD. Cabe ao professor o desafio de trabalhar com essas obras, aprofundando a perspectiva de língua como interação, com vistas a ampliar o estudo para as escolhas estilísticas dos enunciados e os efeitos de sentido produzidos.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito indeterminado; Estilo; Enunciado.

ABSTRACT: This article aims to investigate how the work with linguistic analysis is conducted in activities proposed on teacher manuals of textbooks from the PNLD (Brazilian National Program of Textbooks and didactic materials) used in the 7th grade, during the period of BNCC (National Curriculum Core) implementation in elementary schools. From a perspective of language as a product of interaction (BAKHTIN, 2019; VOLÓCHINOV, 2019), two of the available books were chosen in 2019's PNLD. Based on the hypothesis that the expression “indeterminate subject” would no longer appear as explicit content since the BNCC does not refer to types of subjects, one activity from each textbook in which questions

¹ Doutora em Linguística Aplicada pela Unisinos. Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. E-mail: patriciav@upf.br.

² Mestrando em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF/RS). Graduado em Letras/Espanhol e Respectivas Literaturas, pela mesma universidade. Atua como professor de Língua Portuguesa na Educação Básica. E-mail: furlanettofrancismar@gmail.com.

would approach explicitly (in the question or the answer) the expression “indeterminate subject” was selected. The results demonstrate that the activities that restrict the look on formal and qualifying aspects, with focus on metalanguage, remain as a reality in PNLD textbooks. It depends on the teacher the challenge to work with such books by going further on the perspective of language as interaction, aiming to expand the studies on stylistic choices of enunciateds and the effects of meaning that are produced.

KEYWORDS: Indeterminate subject; Style; Enunciate.

RESUMEN: Este artículo busca investigar cómo el trabajo con el análisis lingüístico es realizado en ejercicios propuestos en el manual del profesor de libros didáticos del PNLD destinados al 7° año de la educación primaria, en el periodo de implementación de la BNCC en las escuelas de la Enseñanza Básica. A partir de una perspectiva de lengua como producto de la interacción (BAKHTIN, 2019; VOLÓCHINOV, 2019), se eligieron dos obras que aparecían entre las opciones que fuesen escogidas por las escuelas en el PNLD 2019. Partiendo del supuesto de que la expresión ‘sujeto indeterminado’ no más se presentaría como contenido explícito, ya que ni la BNCC refiere tipología de sujetos, se procedió a la selección de un ejercicio de cada obra, cuyas preguntas se dirigieron, de manera explícita, (en la pregunta o en la respuesta) la expresión ‘sujeto indeterminado’. Los resultados muestran que ejercicios que restringen la mirada a aspectos formales y clasificatorios, con foco en el metalenguaje, aún son una realidad en libros didáticos del PNLD. Compete al profesor el estímulo de trabajar con esas obras, profundizando la perspectiva de lengua como interacción, de manera a ampliar el estudio a las opciones estilísticas de los enunciados y los efectos de sentido producidos.

PALABRAS CLAVE: Sujeto indeterminado; Estilo; Enunciado.

Introdução

Testemunhamos, em nossa experiência em sala de aula da educação básica, a complexidade que envolve o estudo da língua que, não raras vezes, frustra o trabalho dos docentes e a aprendizagem dos estudantes. Propostas que pouco exploram o sentido somam-se a atividades que privilegiam a definição de conceitos e a memorização de classificações, com foco na metalinguagem, o que acaba confundindo os estudantes.

A implementação da BNCC³ (BRASIL, 2018) nas escolas de educação básica, embora alardeada na mídia, está longe de ocorrer, de fato, nas salas de aula do país. Docentes sobrecarregados com excesso de aulas e com pouco ou nenhum tempo para estudar, sentem-se muitas vezes inseguros sobre como proceder com tantos novos documentos a serem assimilados. Recorrem, muitas vezes, aos livros

³ Reconhecemos as contradições que constituem esse documento desde antes da sua publicação, no entanto, não aprofundaremos essa perspectiva neste artigo, que restringe seu olhar aos aspectos relacionados à análise linguística.

didáticos como única fonte de apoio às aulas. O uso do livro didático como referência motivou esta pesquisa, que visa analisar a abordagem de um objeto do conhecimento de Língua Portuguesa em livros didáticos, com vistas a qualificar o olhar docente para a seleção desse recurso didático-pedagógico que, quando bem escolhido, pode contribuir para o trabalho com a língua na sala de aula e para a formação de sujeitos mais críticos.

Sabemos que a perspectiva de língua assumida pelo professor produz consequências no trabalho desenvolvido em sala de aula. Tão importante quanto a consciência docente é a perspectiva linguística presente no livro didático adotado na escola. Assumimos o conceito de língua a partir de Bakhtin (2016) e Volóchinov (2019) como (inter)ação, como signo que revela uma posição semântica. Partindo desse pressuposto, decidimos investigar como um dos conteúdos clássicos da gramática tradicional é abordado em dois livros didáticos que declaram explicitamente assumir a língua na perspectiva da interação: os “termos constitutivos da oração: sujeito e seus modificadores”, mais especificamente “o sujeito indeterminado”.

Para tratar desse tema, iniciamos o estudo, explicitando o conceito de língua que adotamos, com enfoque na diferença entre os conceitos de enunciado e de oração, de acordo com Bakhtin (2016) e Volóchinov (2018, 2019). Incluímos, também, parte da reflexão de Bakhtin acerca do conceito de estilo no ensino da língua, redigida quando o filósofo da linguagem atuou como docente de língua russa no Ensino Médio. Acreditamos que o conceito de língua nessa perspectiva teórica é de domínio dos leitores, por isso evitamos abordar à exaustão conceitos já conhecidos; se os trazemos é apenas para fundamentar a análise que empreendemos acerca do olhar para a abordagem gramatical presente nas duas obras selecionadas.

Após um breve resgate teórico, analisamos cinco perguntas que empregam explicitamente a expressão “sujeito indeterminado”⁴, seja na pergunta ou na resposta sugerida, em dois livros didáticos de língua portuguesa para o 7º ano do Ensino Fundamental, disponibilizados às escolas da educação básica do país por

⁴ A BNCC (BRASIL, 2018) não traz a categorização “sujeito indeterminado”, e sim “estrutura básica da oração: sujeito, predicado”; “termos constitutivos da oração: sujeito e seus modificadores”.

Entretextos, Londrina, v. 22, n. 3, p. 152-173, 2022



meio do PNLD referente ao período de 2020 a 2023.

Língua, oração e enunciado: conceitos revisitados

Conforme Volóchinov (2018), a linguagem não é uma dádiva divina ou um produto da natureza, mas um produto da atividade coletiva humana. Toda a palavra, portanto, é um acontecimento social, e não simplesmente uma grandeza linguística (VOLÓCHINOV, 2019). Desse modo, toda vez que uma palavra é utilizada por um sujeito torna-se um enunciado concreto, o qual nasce, vive e morre em uma determinada situação social. Sendo assim,

a tarefa de compreensão não se reduz ao reconhecimento da forma usada, mas à sua compreensão em um contexto concreto, à compreensão da sua significação em um enunciado, ou seja, à compreensão da sua novidade e não ao reconhecimento da sua identidade. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 177-78).

Desse modo, ao pensarmos na realidade da sala de aula, em que se objetiva um trabalho a partir do qual as formas linguísticas sejam analisadas/estudadas em um determinado contexto, é necessário que esses elementos sejam observados no seu horizonte de criação, e não de forma genérica e isolada.

Nesse viés, Bakhtin (2019) propõe a análise estilística dos enunciados no estudo da língua. O autor explica que uma observação estritamente gramatical faz com que os alunos somente aprendam a analisar frases prontas de textos alheios, sem enriquecimento de vocabulário ou da expressão escrita, visto que não utilizam as formas gramaticais estudadas na produção de novos enunciados. Mostra-nos que um estudo unicamente gramatical priva os discentes de qualquer significado criativo, limitando a compreensão. Ele defende que as análises estilísticas têm grande potencial de atrair os estudantes, se forem realizadas de forma participativa.

Ao realizar uma análise dos casos de subordinação da língua russa, Bakhtin (2019) argumenta que é preciso mostrar aos alunos que as formas da língua produzem diferentes sentidos na leitura em voz alta, a depender de fatores, como a entonação.

Bakhtin nos ensina que privilegiar o sentido por meio de análises estilísticas, possibilita a ampliação do sentido do estudo da gramática, fazendo com que o trabalho com a língua seja mais interessante e significativo aos estudantes (BAKHTIN, 2019). A análise sintática, de modo geral, precisa vir acompanhada de uma análise estilística, tirando o olhar do discente para situações isoladas de uso, levando-o a observar a linguagem tal como é empregada na vida. Como a língua influencia o pensamento de quem fala, é necessário estimular o aluno a ter um pensamento crítico, através da complexidade que a vida e suas construções linguísticas exigem nos momentos de interação (BAKHTIN, 2019). Portanto, a análise do estilo, que está atrelado ao significado, parece um caminho eficiente para tornar o aluno um sujeito mais crítico e criativo ao usar a língua, tanto na leitura, quanto na escrita.

Bakhtin (2016) propõe que, mesmo que seja aparentemente confuso e indefinido o ponto central da análise linguística, o enunciado seja tomado como a real unidade da comunicação linguística (portanto, seu objeto de análise), pois “o discurso só pode existir, de fato, na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso.” (BAKHTIN, 2016, p. 28).

Portanto, parece-nos ficar claro que isolar elementos linguísticos e estudá-los de forma descontextualizada é pouco produtivo, haja vista que será suprimido o principal objetivo de utilização de uma língua: a interação.

Após essa breve contextualização teórica, apresentamos a análise dos exercícios de livros didáticos que selecionamos, com vistas a analisar os exercícios que envolvem o sujeito indeterminado nas obras. Antes disso, explicitaremos as obras selecionadas para a análise.

O objeto de análise: dos livros didáticos aos exercícios de gramática

Conforme anunciado no início deste artigo, a fim de cumprir o objetivo da pesquisa, buscamos, no sumário das obras, a referência ao objeto do conhecimento: “estrutura básica da oração: sujeito, predicado”; “termos constitutivos da oração:

sujeito e seus modificadores”; “sujeito indeterminado”. É válido ressaltar, no entanto, que não foram encontradas menções aos objetos do conhecimento tal como estão apresentados na BNCC (BRASIL, 2018): “estrutura básica da oração: sujeito, predicado” e “termos constitutivos da oração: sujeito e seus modificadores.”

As duas obras selecionadas foram enviadas às escolas pelo Ministério da Educação, ainda no ano de 2019, para escolha referente ao período do PNLD 2020 a 2023. Os exemplares analisados encontram-se na biblioteca de uma escola pública municipal, de um pequeno município da região Norte do Rio Grande do Sul, com aproximadamente sete mil habitantes. A referida escola recebeu, ao todo, cinco coleções de obras de Língua Portuguesa para os Anos Finais do Ensino Fundamental e deveria escolher somente uma delas para ser utilizada no próximo quadriênio de vigência das obras. Dessas cinco coleções, foram escolhidas duas e selecionado o livro didático do sétimo ano de cada uma delas. Os dois livros didáticos que analisamos foram selecionados de modo aleatório entre as obras enviadas para análise e a escolha foi limitada a dois exemplares, em vista dos limites deste artigo.

Vale destacar que os livros selecionados são cópias de divulgação, idênticas às obras distribuídas posteriormente para uso de alunos e professores em sala de aula. Os exemplares são manuais do professor, portanto, vêm com as respostas indicadas para as questões, além de orientações metodológicas para a exploração dos conteúdos abordados.

A primeira obra analisada é da editora SM Educação, organizada por Costa, Nogueira e Marchetti (2018) e tem como título “Geração Alpha – Língua Portuguesa”. A obra é dividida em duas partes, sendo, a primeira, o manual do professor, com numeração em algarismos romanos, totalizando 80 páginas que explicam a coleção de modo geral, as abordagens utilizadas, a concepção de ensino de Língua Portuguesa adotada e a estrutura do livro do aluno. A segunda parte, com a abordagem do conteúdo, tem 304 páginas, numeradas com algarismos arábicos, divididas em oito unidades, cada uma explorando gêneros textuais específicos (contos e texto dramático, mito e lenda, crônica, reportagem, texto expositivo e infográfico, poema narrativo e cordel, carta do leitor e carta reclamação, artigo de

opinião, nessa ordem). Cada unidade é dividida em seis partes, que tratam desde o estudo do texto, passando pela análise gramatical, até chegar na produção de texto. As que interessaram a esta pesquisa são: a “língua em estudo”, na qual se trabalham aspectos de morfologia e sintaxe do período simples; e “A língua na real”, em que a morfologia e a sintaxe possuem uma abordagem aplicada à semântica, ao uso.

A segunda obra analisada é da editora Moderna, organizada por Balthasar e Goulart (2018), intitulada “Singular e plural: leitura, produção e estudos de linguagem”. Assim como a anterior, é dividida em duas partes, numeradas por algarismos romanos e arábicos. O manual do professor apresenta os pressupostos teórico-metodológicos para o ensino e a aprendizagem de língua materna, dedica uma seção para falar sobre a leitura/escuta e a produção de textos escritos/orais e a sua avaliação, além de apresentar a estrutura da obra. Na parte do conteúdo do aluno, o livro possui 304 páginas, dividindo-se em quatro unidades, com 12 capítulos. É importante salientar que essa obra dedica muito espaço à leitura e produção de texto, com oito capítulos dedicados exclusivamente a isso, utilizando diversos gêneros textuais (jornalísticos, artísticos, de legislação e, principalmente, literários). De modo geral, aborda, gramaticalmente, a estrutura da oração: dedica um capítulo à análise de tempo, modo e formas verbais, um capítulo com foco no sujeito, outro com foco no predicado. Nesses capítulos, os conteúdos são divididos por meio de subtítulos, e trabalhados conforme a classificação gramatical. Ou seja, o livro dedicada um capítulo inteiro ao estudo da norma gramatical e foram esses capítulos que nos interessaram para esta pesquisa.

Faremos referência, doravante, à primeira obra, de Costa, Nogueira e Marchetti (2018), como GA; e à segunda obra, de Balthasar e Goulart (2018), como SP. Ambas as obras são destinadas para o 7.º ano do Ensino Fundamental, escolha determinada por meio da análise do sumário das coleções e a verificação de que é nessa série que os livros abordam de forma mais explícita o conteúdo “estrutura básica da oração: sujeito, predicado”. É relevante ressaltar, ainda, que não analisaremos a etapa da construção do conceito. Em razão do tempo de produção e espaço para este artigo, dirigimos nosso olhar exclusivamente para os exercícios de fixação, apresentados após a explicação do conceito de sujeito indeterminado.

Para a análise, observamos apenas a parte de cada um dos livros didáticos em que era explorado explicitamente o conteúdo “sujeito indeterminado”. A obra GA dedica três páginas para o tratamento do sujeito indeterminado, que é abordado com a oração sem sujeito, ambos em um trecho da primeira subseção da unidade seis da obra. Na primeira página em que esse conteúdo é apresentado, a análise parte de um cordel, onde são observados alguns versos em que aparece um sujeito indeterminado, de acordo com a gramática, apresentando-se, ao final da página, uma definição para este tipo de sujeito. Na sequência, há meia página dedicada para a oração sem sujeito, sendo o restante da página destinada à apresentação de um esquema explicativo sobre os demais tipos de sujeito, estudados anteriormente no livro. Na última página em que esse conteúdo é explorado, são apresentados os exercícios.

A segunda obra, SP, dedica um espaço de onze páginas, no sexto capítulo do livro, para o tratamento de todos os tipos de sujeito, bem como ao estudo da ordem direta e indireta das orações. Todos os tipos de sujeito são apresentados da mesma forma: a partir de um texto (trecho de conto, tirinha ou poema) são realizadas perguntas de compreensão, seguidas de uma análise introdutória sobre o tipo de sujeito com a respectiva classificação. Somente após a apresentação da ordem direta e indireta das orações é que são apresentados exercícios sobre os tipos de sujeito, para os quais são destinadas três páginas.

Consideramos, para fins de análise, apenas os exercícios que, quer na pergunta, quer na resposta proposta pelo livro, trouxeram a expressão “sujeito indeterminado”.

A obra GA, que explora sujeito indeterminado e oração sem sujeito concomitantemente, apresenta três perguntas que exploram o sujeito indeterminado. São essas perguntas (e respectivas respostas, propostas pelo livro didático) que apresentamos e analisamos.

O livro didático SP apresenta todos os tipos de sujeito para, ao final, aplicar os exercícios. Constam cinco perguntas, mas somente duas em que o sujeito indeterminado é abordado na pergunta (ou na resposta). São essas duas perguntas objeto de análise.

Analisaremos, portanto, ao todo, cinco perguntas (e respectivas respostas) em que aparece explicitamente menção a esse tipo de sujeito: três do livro didático GA e duas do SP, com vistas a identificar e compreender o tipo de abordagem de língua possível de ser apreendida a partir dos exercícios.

Análise de exercícios sobre sujeito indeterminado à luz do conceito de enunciado

O trabalho com a gramática em sala de aula é um assunto delicado que, com frequência, levanta discussões e reflexões entre pesquisadores e professores. Como ensina Neves (2004), é preciso ter bem claro a que conceito de gramática estamos nos referindo e, a partir disso, saber o que representa em sala de aula trabalhar com a gramática. Como sabemos, o conceito de gramática adotado é consequência da concepção de língua implícita ao docente, pelo menos desde a década de 90, com a popularização dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), não se concebe um ensino de língua reduzido à decoreba, à aplicação de classificações e à memorização de regras. Assim, a escola precisa realizar um trabalho que leve os estudantes a compreenderem que se estuda a gramática para produzir sentidos, para reconhecer as intenções comunicativas de quem fala ou escreve para compreender seu funcionamento nas mais diferentes situações (NEVES, 2004).

Como ensina Bakhtin (2019), a língua tem uma influência poderosa sobre o pensamento daquele que está falando e cabe ao professor a tarefa de introduzir o aluno na língua viva e criativa, desvencilhando-se da cultura tradicional livresca. É impressionante que esse texto, escrito há 90 anos, permaneça, ainda, tão atual.

A fim de tornar mais clara a aplicação do conceito de “sujeito indeterminado” nos livros didáticos, trazemos as noções explicitadas neles. Em ambas as obras, consta a afirmação de que, por vezes, as orações não terão um sujeito exposto, portanto, não será possível saber quem executou a ação expressa pelo verbo. De modo a exemplificar, os autores da obra GA retiram de um cordel a oração “Chamam de xilogravura esta arte muito pura” para afirmar que, apenas a forma verbal não revela quem realiza a ação de “chamar”. Nesse mesmo viés, os autores da obra SP

afirmam que uma construção desse tipo trata de um sujeito genérico, identificado como qualquer pessoa e, por isso, seria utilizada a terceira pessoa do plural.

Assim sendo, os autores da obra SP afirmam que a utilização desse tipo de sujeito pode ser para não identificar o realizador da ação do verbo, para não se comprometer com a veracidade da afirmação feita pelo sujeito. Além disso, segundo os autores da obra GA, pode ser utilizado esse tipo de sujeito quando não se sabe quem realizou a ação verbal. Ademais, ambos os livros citam que é possível ser percebido um sujeito indeterminado quando o verbo está empregado na terceira pessoa do singular, acompanhado da partícula “-se” e de uma preposição. Percebe-se, então, que, de acordo com a gramática tradicional, essa definição é a comumente encontrada em manuais de consulta de referência⁵.

Inspirando-nos nesta reflexão teórica, passamos à análise dos exercícios selecionados de cada uma das obras.

Antes, devemos esclarecer, em relação à metodologia adotada, que a pesquisa realizada é qualitativa, de caráter descritivo, pois busca investigar e descrever como é feita a abordagem de um objeto do conhecimento em dois livros didáticos, a partir da análise de exercícios propostos aos estudantes. Quanto aos procedimentos adotados, a pesquisa é bibliográfica, uma vez que se serve de publicações para fundamentar a análise dos dados, que, no que lhe concerne, recebem tratamento interpretativo.

Por que a personagem construiu a oração com sujeito indeterminado: uma análise classificatória ou semântica na obra GA?

Observando, inicialmente, os exercícios de exploração do conteúdo sujeito indeterminado, no livro didático GA, encontram-se três perguntas nas quais há, explicitamente, o emprego da expressão “sujeito indeterminado” na pergunta ou na resposta, como pode ser observado na figura 1, apresentada a seguir:

⁵Rocha Lima (2011, p. 289) e Cunha e Cintra (2007, p. 128), por exemplo.

Figura 1 – Exercício na obra ga.



Laerte. *Classificados*. São Paulo: Devir, 2004, v. 3, p. 4.

- Com base nas informações dos dois primeiros quadrinhos da tira, o que parece ter ocorrido? Como isso se expressa por meio dos elementos verbais e não verbais?
- Por que o desfecho da tira parece absurdo e produz humor?
- Qual é o sujeito da oração "Fui assaltado!!"? Como ele pode ser classificado?
- Que oração esclarece por que a casa está vazia? Como se classifica o sujeito dessa oração?
- Em que quadrinho há uma oração com sujeito indeterminado? Que oração é essa?
- Por que, no caso da oração da resposta ao item e, a personagem construiu oração com sujeito indeterminado?
- Compare a oração da resposta do item e com esta construção: "Alguém levou tudo!". Quanto à classificação do sujeito, qual é a diferença entre elas?

Fonte: Costa, Nogueira e Marchetti (2018, p. 214).

Como pode ser observado na imagem, o primeiro exercício, apresentado logo após a explicação do conteúdo, é composto por uma tirinha. Essa retrata a chegada de um homem ao seu antigo apartamento, o qual, ao perceber que não havia mais móveis no local, acredita ter sido roubado, quando lembra, por meio de uma placa de "aluga-se", que apenas havia se mudado do local. A atividade é composta de sete perguntas que exploram a compreensão e a interpretação da tirinha e também incluem a reflexão sobre a língua. Dentre as sete questões, apenas as duas primeiras tratam exclusivamente da compreensão e da interpretação de texto; as demais questões visam à identificação e à classificação do sujeito das orações, e/ou ainda associam a compreensão do texto da tirinha ao conhecimento gramatical.

Para cumprir o objetivo a que nos propomos, aprofundaremos a discussão a partir das três perguntas que abordam, direta ou indiretamente, a categoria sintática que selecionamos. Partindo dos conceitos propostos por Volóchinov (2019) de que a língua adquire um significado e ganha vida apenas enquanto enunciado, e apenas dentro dele observaremos o tratamento do sujeito indeterminado nas questões "e" e

Entretextos, Londrina, v. 22, n. 3, p. 152-173, 2022



[Licença CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

“f” e “g”. Nesse sentido, trazendo em seu enunciado “Em que quadrinho há uma oração com sujeito indeterminado? Que oração é essa?”, a questão “e” indica como resposta⁶ “No segundo quadrinho. A oração é ‘Levaram tudo’”. Vemos que a resposta do livro didático leva em conta a mera categorização, não o sentido. Considerando os apontamentos do Círculo de Bakhtin, percebemos que a resposta apontada pelo livro didático seria somente uma das possíveis. O sentido da palavra “indeterminado” leva ao sentido de imprecisão, de vagueza. Ora, se alguém chega em casa e a vê vazia, sem móveis, e afirma “levaram tudo”, pode-se imaginar que esse sujeito sofreu um furto. Quem mais senão ladrões seriam os autores desse ato? Como docentes em sala de aula sabemos que, quando a classificação exige uma separação do sentido, os estudantes tendem a ter certa dificuldade em classificar estruturas da língua, pois, em um caso como esse, eles compreendem o enunciado concreto nascido a partir do contexto, do uso da forma e do significado definidos pela interação, como salienta Volóchinov (2019). Assim, como nos foi apresentado um contexto e a oração em questão pode ser observada dentro dele, não haveria um sujeito indeterminado do ponto de vista do sentido, se considerássemos a interação e o sentido proposto na situação comunicativa.

Volóchinov (2019) argumenta que a palavra não é autossuficiente e tem seu sentido completado na vida, com quem mantém uma relação muito íntima. Assim, ao dissociarmos a oração de seu contexto, ou analisando a oração do ponto de vista exclusivo da forma, “Levaram tudo”, o estudante é instado a responder que está diante de um sujeito indeterminado, pois faltariam informações para conseguir averiguar a identidade do sujeito dessa oração. Entretanto, como temos um contexto para observar, conseguimos perceber que não é qualquer ser ou indivíduo que “levou” todas as coisas, mas sim o próprio dono do apartamento ou alguém que ele conhecia e autorizou a realizar a mudança. Percebe-se, desse modo, que o efeito de humor produzido pela tirinha não é (ou não deveria ser) algo dissociado da estrutura gramatical. Isso mostra que quando se trabalha a mera classificação sintática dos termos da oração pelo viés exclusivo da gramática normativa tradicional, restringe-se

⁶ Não incluímos imagem das respostas no livro didático para não extrapolar os limites espaciais deste artigo.

a possibilidade de análise e compreensão dos textos.

Portanto, partindo-se de uma observação que leva em consideração o contexto em que se exprime essa oração, nossa experiência em sala de aula da educação básica nos permite afirmar que causa, a muitos estudantes, estranheza a “indeterminação” do sujeito da oração “Levaram tudo”, pois é nítido que o homem quis atribuir a ação a um grupo de assaltantes. Nesse sentido, só seria possível considerar este sujeito indeterminado se não houvesse um contexto que auxiliasse a perceber quem realiza o ato de levar. Por isso, analisar esta frase sob um viés estritamente gramatical permite classificar os elementos linguísticos, todavia desconsidera totalmente o sentido global da tirinha. O sentido produzido por meio do contexto é essencial para a identificação do sujeito e a compreensão de quem realizou a ação.

Qual seria então a finalidade de usar um texto em sala de aula? Simplesmente classificar a tipologia do sujeito? Como ressalta Bakhtin (2019), as formas gramaticais devem ser analisadas sempre do ponto de vista de suas possibilidades de representação e de expressão, sob um viés estilístico. Essa análise, segundo o autor, deve ser ainda mais enfática, quando se observam os aspectos da sintaxe, pois são nesses casos que o falante pode escolher entre duas formas sintáticas gramaticalmente aceitas, mas, por questões de estilo, opta por uma ou outra forma que melhor se adequa ao sentido que pretende expressar (BAKHTIN, 2019). No caso dessa tirinha, o emprego do verbo na terceira pessoa do plural parece visar à produção do humor, ou seja, não é mero acaso, portanto não deveria servir para, apenas, definir a tipologia do sujeito.

Assim, arriscamo-nos a afirmar que, no caso da questão “e”, na perspectiva dos estudos de Bakhtin e seu Círculo, a resposta para a pergunta “Em que quadrinho há uma oração com sujeito indeterminado?” seria, no mínimo, discutível, em uma obra que admite pressupor o uso da língua na perspectiva da interação.

Essa análise vai ao encontro da resposta sugerida para a questão “f”, que indaga: “Por que [...] a personagem construiu uma oração com sujeito indeterminado?”, trazendo como resposta esperada que “até aquele momento, ela supunha que sua casa havia sido assaltada e não sabia quem teria levado seus pertences”. Essa resposta está em consonância com o que Bakhtin (2016) afirma

Entretextos, Londrina, v. 22, n. 3, p. 152-173, 2022



[Licença CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

sobre a relação valorativa do falante e o estilo do enunciado, haja visto que nenhum enunciado é completamente neutro e, sempre haverá um elemento expressivo nele. É essa “relação valorativa entre o falante e seu objeto que determina a escolha dos recursos gramaticais, lexicais e composicionais do enunciado. O estilo individual do enunciado é determinado sobretudo pelo seu aspecto expressivo.” (BAKHTIN, 2016, p. 47).

Assim, percebemos que o homem suprime o sujeito da oração de modo a provocar um efeito de ausência de informação. Ao não marcar em seu enunciado quem realizou a ação, cria-se uma lacuna sobre o sujeito, todavia não se exclui por completo a sua existência, tendo em vista que o contexto permite inferir que se fala de assaltantes. Desse modo, a relação valorativa do falante, que, neste caso, é de dúvida em relação à identidade dos assaltantes, norteia a escolha de elementos linguísticos que marquem a dúvida no enunciado. Portanto, a opção pela supressão do sujeito marcaria a ausência de informações sobre ele, mas não sua indeterminação do ponto de vista do sentido.

Quando observamos a questão “g”, no entanto, que pede a classificação do sujeito na oração “Levaram tudo” em comparação com a construção “Alguém levou tudo”, a resposta sugerida é de que, no primeiro caso, trata-se de um sujeito indeterminado, pois não há uma palavra independente do verbo que exerce a função de sujeito, enquanto no segundo observa-se um sujeito simples (“Alguém”), expresso por uma palavra independente do verbo e com apenas um núcleo.

Sabemos que a resposta, do ponto de vista estritamente gramatical, está correta, contudo esse tipo de pergunta-resposta desconsidera qualquer sentido pretendido pelo falante. A pergunta mereceria uma análise mais profunda a respeito do estilo no enunciado, observando as diferenças de sentido que uma (alguém) ou outra forma (levaram) traria ao que foi dito (BAKHTIN, 2016). Nesse viés, antes de uma questão classificatória, poderia ser indagado ao aluno que diferença de sentido seria produzida pela opção de uma ou outra forma naquele contexto da tira, pois assim o estudante seria conduzido a observar que, em ambos os casos, não haveria precisão quanto à identidade.

A forma “Levaram tudo” direciona a interpretação para mais de uma pessoa

como responsável pelo furto, enquanto a opção por “Alguém levou tudo” remeteria à responsabilidade do furto a uma única pessoa, podendo-se inferir, inclusive, que a personagem pudesse suspeitar de algum possível autor do furto. Portanto, considerar uma reformulação dessa pergunta, ou o acréscimo de uma nova questão relacionada a esta, quando na aplicação deste exercício em sala de aula, seria relevante para explorar o viés estilístico do enunciado, como apontado por Bakhtin (2016), a fim de demonstrar como a escolha por certos elementos léxicos ou gramaticais permitem determinar a relação valorativo do falante com o seu objeto.

Podemos perceber que, nesse exercício, a língua não foi considerada a partir da perspectiva do falante. Por isso, não se realizou uma análise em que se privilegiasse o uso, tomando o sujeito indeterminado da gramática como um elemento de significação, atrelado a um certo estilo com vistas a promover/criar certo sentido. Portanto, ainda que a abordagem do conceito de sujeito indeterminado na obra seja abrangente, as três perguntas sobre a análise linguística a partir da tirinha restringem uma visão de língua como sistema único e fechado, abstraída do uso, do contexto.

Assim, as respostas do estudante pretendidas pelo livro didático parecem ser demasiadamente restritivas, pois observam os elementos do enunciado de forma isolada, sem considerar o texto na totalidade, inserido em uma situação de comunicação. Reconhecemos, entretanto, a parcialidade dessa análise para emitir uma avaliação da obra toda, o que seria uma irresponsabilidade de nossa parte. Se analisamos esse exercício, foi apenas no intuito de mostrar a potencialidade que a perspectiva de (língua)gem de Bakhtin e Volóchinov podem oferecer à análise dos textos, tornando mais complexa e profunda a análise dos enunciados, conduzindo o aluno a perceber as intenções do produtor do enunciado por meio da organização estilística utilizada em sua elaboração.

Observados os exercícios da obra GA, passamos, agora, nosso olhar para a obra SP, a fim de perceber como se dá o tratamento do sujeito indeterminado nesse livro didático.

O anunciante e o leitor também são responsáveis pela destruição

da natureza (?): a análise dos exercícios na obra SP

Observamos, a seguir, o trecho do livro didático SP, organizado por Balthasar e Goulart (2018), onde encontramos duas perguntas em que se envolve, de forma direta, o conteúdo sujeito indeterminado, as quais poderão ser observadas na Figura 3. As perguntas integram o exercício que apresenta uma propaganda social com a bandeira do Brasil, em que uma parte do verde do retângulo está ausente, e também há a substituição da frase “Ordem e progresso” por “S.O.S. Mata Atlântica”. No topo da propaganda, observa-se a escrita “Estão tirando o verde da nossa terra”⁷.

Analizamos as questões “c” e “d”, que indagam como se classificaria o sujeito do predicado em destaque e, de acordo com a construção do período, quem seriam os responsáveis pela ação realizada. As demais questões não serão analisadas, em razão dos objetivos e limites deste artigo. Observemos a figura a seguir:

⁷ É interessante observar que, infelizmente, o conteúdo dessa campanha, iniciada na década de oitenta, permanece atual e pertinente quatro décadas depois.

Figura 2 – Exercício na obra SP

3. Este anúncio faz parte de uma campanha iniciada nos anos 1980 pela Fundação S.O.S. Mata Atlântica, uma das instituições ambientalistas mais conhecidas do Brasil.



Anúncio da Fundação SOS Mata Atlântica.

- a) O que o anunciante pretendia com esse texto?
- b) No título do anúncio, o termo "o verde" relaciona-se diretamente com a imagem. Explique essa relação e o que ela significa.
- c) O predicado da oração que compõe o título desse anúncio é: "Estão tirando o verde da nossa terra."
 * E o sujeito da oração? Como ele se classifica? Por quê?
- d) De acordo com o título, o anunciante e os leitores também são responsáveis pela destruição da natureza? Explique.
- e) Como o anunciante deveria reescrever o título se quisesse indicar:
 I. que tanto ele quanto os leitores são responsáveis pela devastação ambiental?
 II. que os leitores são responsáveis pela devastação ambiental, mas ele, o anunciante, não?

Fonte: Balthasar e Goulart (2018, p. 134).

A pergunta "c" do exercício aponta o predicado da oração que integra o título do anúncio e pergunta qual é o sujeito, como este se classifica e por quê.

A resposta a essa questão no livro didático do professor diz o seguinte: "É um sujeito indeterminado, porque não é possível identificá-lo nem pela terminação do verbo, que está na terceira pessoa do plural, nem pela relação com outros termos da oração". Observamos, pela resposta prevista no manual do professor, que se espera do estudante simplesmente a assimilação das regras da gramática tradicional.

Se o livro também privilegiasse a perspectiva interacional ao explorar a análise linguística, poderia ir além da mera classificação desse sujeito indeterminado. Afinal, por que o anúncio publicitário não explicita o(s) responsável(is) por "tirar o verde da nossa terra"?

Se consideramos o enunciado como um ato social, amarrado fortemente à realidade social pela qual ele é criado (VOLÓCHINOV, 2018), não há como dissociar

o fato de esta oração estar inserida em um contexto de proteção ambiental, portanto só pode referir-se a sujeitos que agridem o meio ambiente e colaboram para a destruição da floresta. Como se trata de um anúncio produzido e veiculado por uma instituição de proteção ambiental, é bem provável que esta instituição saiba quem são os responsáveis: grileiros, exploradores ilegais, agricultores que expandem de forma ilícita suas terras, entre outros sujeitos que depredam o meio ambiente. No entanto, é possível incluir essa informação de forma explícita no anúncio? Por que os anunciantes optaram pelo uso do verbo na terceira pessoa do plural sem referência a um termo anteriormente usado, configurando, na classificação tradicional, o que conhecemos por sujeito indeterminado? É importante que os estudantes saibam que o uso do sujeito nessa forma (indeterminação) é um recurso estilístico que pode ser usado pelo locutor de um texto quando este não quer ou não pode identificar o sujeito.

Essa escolha possui relação estreita com a opção por determinado estilo do enunciado, como já mencionado anteriormente em considerações realizadas por Bakhtin (2019), a respeito da opção por determinada forma gramatical para expressar com mais exatidão a intencionalidade do falante. Sendo impossível indicar nominalmente todas as pessoas que destroem a floresta, opta-se por suprimir um indicador direto de sujeito, deixando a interpretação aberta, ainda que parcialmente limitada. Essa supressão pode ter sido realizada por motivos diversos, por exemplo, como uma forma de evitar perseguições ou punições (inclusive judiciais) referentes à menção explícita de sujeitos que depredam a natureza, ou ainda para ampliar a quantidade de indivíduos envolvidos nessa ação, tais como os exploradores de recursos (já mencionados anteriormente), bem como as pessoas que, sabendo da exploração indevida, utilizam os produtos provenientes de áreas de exploração, colaborando, desse modo, para a destruição do meio ambiente e o “roubo” do verde.

A questão “d” oferece uma interessante pergunta de interpretação do texto: “De acordo com o texto, o anunciante e os leitores também são responsáveis pela destruição da natureza? Explique”. Chama atenção, entretanto, a resposta esperada, que consta no manual didático: “Não, porque a responsabilidade pela ação de ‘tirar o verde de nossa terra’ é atribuída a um sujeito indeterminado, diferente do anunciante

e do leitor”.

Se “todo enunciado, desde o primitivo, cotidiano, até o poético acabado, encerra em si de modo inevitável o horizonte ‘subentendido’ extraverbal como um ingrediente necessário” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 215, grifos do autor), será que (ao menos alguns) leitores não poderiam estar envolvidos na destruição ambiental do país? Ou seja, se o leitor compactua com a depredação das florestas, seja pela ampliação dos lucros/da produção, ou por meio do consumo de produtos provindos dessa destruição, não poderia ser ele considerado corresponsável pela destruição da natureza?

Portanto, a oração, alimentada pelos diferentes recursos que constituem o anúncio enquanto enunciado, apesar de não expor diretamente, permite interpretar que quem está tirando o verde da terra brasileira/da mata atlântica são pessoas cujos interesses econômicos sobrepõem os ambientais e preferem a derrubada da floresta para o aumento de lucros e investimentos e da produtividade, o que, conseqüentemente, gerará mais produtos e possibilidades de consumo.

Nesse sentido, percebe-se, pela análise dessas duas perguntas propostas no exercício da obra SP, uma perspectiva de língua como sistema, regras, normas, na linha oposta da que Volóchinov (2018) propõe: considerar a língua não um conjunto imóvel de regras, mas sim formas que estão atreladas ao uso atribuído pelo falante.

A observação descontextualizada do sujeito indeterminado não considerou essa classe sintática dentro de um enunciado concreto, manifestado em uma interação social, portanto, como explica Volóchinov (2019), ignorados caráter e forma da interação, extinguiu-se toda a amplitude de sentidos possíveis de serem apreendidos daquele uso. Esse tipo de abordagem desperdiça a oportunidade de explorar as questões estilísticas do enunciado, deixando de considerar a propaganda como um enunciado que busca provocar e denunciar, analisando como a opção por certas formas gramaticais reforçam determinados conteúdos ou intenções.

Vimos, ainda que de forma restrita pelo número de perguntas analisadas, que o livro didático preserva um olhar excessivamente atrelado à perspectiva da língua como reflexo da norma padrão, o que em nada colabora para um processo de leitura mais eficiente e significativo aos alunos, embora demonstre uma abertura para uma

reflexão mais ativa acerca da construção do sentido.

Considerações finais

Neste artigo, dedicamos o olhar à abordagem do objeto do conhecimento “sujeito indeterminado” em exercícios de dois livros didáticos de uma escola pública de uma pequena cidade do norte do Rio Grande do Sul, distribuídos por meio do PNLD, referentes ao período de 2020 a 2023. Por meio da elucidação de conceitos apontados pelo Círculo, principalmente das considerações de Volóchinov (2018, 2019) e de Bakhtin (2016), foi possível perceber a importância de compreender a língua como lugar da interação entre sujeitos, portanto, da construção de sentidos. Por isso, num contexto de ensino e aprendizagem de língua, a análise isolada dos elementos constitutivos de um enunciado reduz a possibilidade da (co)construção de sentidos.

Nas perguntas de exercícios dos dois livros didáticos analisados, evidencia-se pouca exploração da língua como enunciado, portanto, como produtora de sentido. Percebe-se um trabalho bastante centrado na classificação e no uso da metalinguagem da gramática tradicional, o que retira a possibilidade de um olhar mais abrangente sobre o enunciado e o reduz à análise da estrutura.

Nesse sentido, o professor, considerando o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa que privilegie uma perspectiva de interação, deve realizar uma análise cuidadosa dos exercícios propostos nos livros didáticos. Aos docentes, cabe a adoção criteriosa dos livros didáticos e a adaptação de exercícios e atividades que reduzam o trabalho da análise linguística à categorização e à classificação.

A lição de Bakhtin (2019) sobre o estilo aponta para uma metodologia, orientando os professores de forma bastante didática e concreta, indicando que um dos caminhos para a construção do conhecimento gramatical e estilístico é a interação professor x aluno.

Antes de concluir, ratificamos que este artigo não teve por objetivo fazer uma análise das obras didáticas, e sim lançar olhar apenas a uma parte, de modo que,

para resultados mais abrangentes, seria necessária uma análise mais aprofundada sobre o tratamento desse conteúdo nos livros didáticos brasileiros. Todavia, pelos resultados obtidos, é possível perceber que uma abordagem estritamente gramatical do sujeito indeterminado em sala de aula deveria ser repensada, de modo a ampliar a competência leitora dos estudantes, e tratá-los como sujeitos capazes de aprender, e não como meros estudantes que decoram regras e classificações para as avaliações.

Acreditamos que se privilegiarmos a reflexão sobre o sentido em detrimento da classificação, considerando a relevância dos aspectos estilísticos, o trabalho com a análise linguística pode se tornar mais interessante e desafiador aos estudantes, na linha do que propõe atualmente a BNCC (BRASIL, 2018) e como Bakhtin preconizava, ainda quando docente de língua russa a estudantes de ensino médio.

Referências

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. *Questões de estilística no ensino de línguas*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

BALTHASAR, M.; GOULART, S. *Singular e plural: leitura, produção e estudos de linguagem*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2018. 7º ano – manual do professor.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC; 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 1 set. 2022.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 1 set. 2022.

COSTA, C. L.; NOGUEIRA, E.; MARCHETTI, G. *Geração alpha língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Edições SM Educação, 2018. 7º ano – manual do professor.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007.

VALERIO, P. S.; FURLANETTO, F.

O sujeito indeterminado em livros didáticos: uma análise à luz dos estudos do Círculo de Bakhtin

NEVES, M. H. M. *Que gramática estudar na escola: norma e uso na língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2004.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. 1. ed. São Paulo: Editora 35, 2019.

Recebido em: 01 out. 2022.

Aprovado em: 05 dez. 2022.

Revisora de língua portuguesa: Patrícia Cardoso Batista

Revisores de língua inglesa: Pedro Americo Rodrigues Santana e Gabrieli Rombaldi

Revisora de língua espanhola: Juliana Moratto

